

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

MURILO REBECCHI

**LITERATURA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE UMUARAMA: A
REVISTA UMUARAMINHA**

ARTIGO

MEDIANEIRA

2018

MURILO REBECCHI



**LITERATURA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE UMUARAMA: A
REVISTA UMUARAMINHA**

Artigo apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de Umuarama, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2018



TERMO DE APROVAÇÃO

Literatura nas Escolas municipais de Umuarama: A revista “umuaraminha”

Por

Murilo Rebecchi

Este Artigo foi apresentado às 20 hrs do dia 15 **de Junho de 2018** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo de Umuarama, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho: **Aprovado**.

Profa. Dra. Ivone Teresinha Carletto de Lima
(orientadora)

Profª. Dra. Vanessa Hlenka
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof. Me. Cidmar Ortiz dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof. Me. Nelson dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

RESUMO

O personagem “umuaraminha” foi criado no ano de 1986 pelo cartunista Marcos Vaz e elevado a símbolo de Umuarama por intermédio da Lei Orgânica do município no ano de 1990. Deste modo, temos por objetivo apresentar algumas reflexões a respeito da representação que o referido material produz em relação ao cotidiano do personagem da obra. Para refletir a respeito do material foram utilizados alguns exemplares do material distribuído no corrente ano, além de buscar junto do idealizador da referida produção as motivações quando da criação e da elaboração de alguns eixos temáticos propostos para a partir deste levantamento tecermos algumas considerações do ponto de vista da historiografia e em torno da representação do indígena. Sem pretensão de questionar a produção artística, a razão desta discussão reside no campo do ensino da História e da educação indígena nas escolas da rede pública municipal de Umuarama, Paraná, outrossim apresentaremos neste trabalho conceitos e representações da cultura indígena no imaginário escolar com vistas a interpretação ponto de vista da história regional, uma vez que o personagem apresenta-se como um indígena que interage em alguns seguimentos do cotidiano.

Palavras-chave: Educação. Literatura.Umuarama.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 DESENVOLVIMENTO	7
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
REFERÊNCIAS.....	17
AGRADECIMENTOS.....	20

1 INTRODUÇÃO

Desde as séries iniciais do ensino fundamental o uso de literaturas é uma prática docente eficaz na consolidação do processo de alfabetização e para a formação das primeiras noções de cidadania de crianças em seus primeiros anos de processo educacional.

Há dois anos o município de Umuarama conta com a utilização de material literário voltado para temas do cotidiano, envolvendo especialmente questões que englobam a vida de crianças e adolescentes. Neste sentido é pertinente apresentarmos como proposta a análise deste novo recurso; o jornal do “umuaraminha”.. O cartunista Marcos Vaz é o idealizador não apenas do personagem, no ano de 1986. Segundo Vaz (2016) o personagem é parte da “Turma do Brilhante”, uma série de personagens que foram baseados em sua própria infância e nas amizades que ele ganhou nesta fase de sua vida (VAZ, 2016). Ainda segundo o autor, quando ele resolveu pela criação do personagem não era sua ambição fazer do “umuaraminha” mascote do município de Umuarama, como o mesmo é desde determinado na Lei Orgânica do município do ano de 1990.

A elaboração do jornal do “umuaraminha” é, segundo o autor, e corroboramos com este pensamento, o resgate da própria história deste, de modo que, no ano de sua oficialização enquanto mascote municipal, foram produzidos: o primeiro boneco do personagem; a primeira revista e o primeiro jornal. As edições produzidas nos dois últimos anos trazem diferentes eicos temáticos, fazendo parte de um projeto de leitura e ainda, objetivando discutir temas relevantes à vida em sociedade.

O que nos interessa neste sentido é analisar de que forma este recurso proporciona nas escolas municipais de Umuarama o trabalho na disciplina de História, uma vez que o personagem faz representação ao povo nativo da região noroeste do Paraná, o povo Xetá. Aqui temos por finalidade discutir ainda a temática indígena no ambiente escolar. Vale ainda destacar que as pesquisas ocorreram em uma das escolas municipais de Umuarama.

2 DESENVOLVIMENTO

Um dos símbolos de Umuarama o personagem “umuaraminha” torna-se aqui um objeto de estudo onde problematizaremos, no primeiro momento qual sua significação para seu idealizador, e posteriormente como este personagem é trabalhado nos materiais institucionais produzidos a partir da iniciativa da Prefeitura Municipal de Umuarama. Criado oficialmente por meio da Lei Orgânica Municipal 01/90 o personagem “umuaraminha” é criação do cartunista Marcos Roberto Vaz. Procuramos então o autor do personagem objetivando compreender quais as motivações o levaram a construir o “umuaraminha” e segundo ele:

A motivação real foi simplesmente homenagear a cidade, e criei o personagem despretensiosamente, dentro da Turma do Brilhante, que era então meu personagem principal (...). Em 1989 desenvolvi o Projeto Umuaraminha, com a intenção de transformar o curumim Xetá em símbolo de Umuarama, mas não exatamente em símbolo oficial e sim num símbolo afetivo e carismático da população umuaramense, fazer dele nossa mascote (VAZ, 2014).

Observando o relato é possível considerar que não houve uma preocupação quanto a contextualização do personagem, enquanto parte da história local, ao contrário disso, conforme o cartunista relatou: “fazer dele o nosso mascote”. Neste sentido nos debruçamos então na busca pela elucidação daquela que é a imagem que reproduz o personagem. Para tanto, novamente recorreremos ao depoimento de Marcos Vaz:

Eu era ainda muito jovem e não tinha a noção da importância dos Xetá, sabia apenas que Umuarama era um nome indígena e, portanto, nada mais natural do que ser representada na imagem de um índio que, por ser dali, só poderia ser Xetá (...) com o umuaraminha, resgatar a importância do contato do homem com a natureza, falar da importância da preservação do meio ambiente e da valorização da vida simples (VAZ, 2012)

Não obstante ao que se apresenta na sequência é o imaginário comumente construído a cerca dos povos indígenas, conforme podemos observar:

O umuaraminha por ser um índio representava a ingenuidade, o homem no seu contato benéfico com a natureza, sem a imposição da cultura do homem branco. A ingenuidade dos primeiros anos deu lugar à consciência de tudo o que sofreu o povo Xetá.(VAZ, 2012).

Fica claro que, embora houve a construção de um personagem fazendo referência ao povo Xetá, a construção está povoada pelo ideário romantizado a cerca do índio que passivamente sempre foi dominado pelo homem branco, não evidenciando assim sua contribuição efetiva na construção histórica de um dado local. O imaginário de que o povo Xetá foi exclusivamente passivo na modificação do espaço pode ser percebido ainda quando o cartunista afirma que:

Os Xetás foram extintos, pois se encontravam numa espécie de infância do desenvolvimento, caracterizados por uma total ausência de malícia. Um povo frugal, telúrico, dócil, pacífico e rudimentar (VAZ, 2012).

O personagem aparece na obra **Almanaque¹ do Umuaraminha** reforçando a crença que aponta para uma eterna fragilidade das nações indígenas quando estão em contato com o homem branco. Já nas primeiras páginas do Almanaque o que se configura é um índio assustado e fugitivo, temendo ser apanhado pelos brancos. Este temor é expresso na feição deste índio. Cenário que transforma-se a ajuda que ele recebe de alguns “heróis” que surgem em meio a mata para tirá-lo de lá:

you será a memória de um povo que cumpriu seu papel na história (...). A nação Xetá (...) estão chegando (...) precisamos ir (...) ‘tá’ perto” (UMUARAMINHA, 2013, p. 13-17).

¹ O Almanaque do Umuaraminha foi elaborado por Marcos Roberto Vaz e distribuído nas escolas da rede pública municipal de Umuarama no ano de 2013.

Contudo a obra não traz consigo a história do povo Xetá, o que vemos é a veiculação de temas com o pano de fundo associado à defesa do meio ambiente, da paz e da preservação do espaço urbano. A identificação do personagem com estes temas pode ser observada nos trechos do “hino do umuaraminha”²:

Olá amiguinhos, sou o umuaraminha, o mais novo defensor da natureza, juntos você e eu temos a missão e o dever de preservar a nossa mãe Terra (...) Vamos acordar e proteger o nosso planeta Terra.

Vale destacar que nosso objetivo não é desqualificar os temas que o personagem apresenta, temas que possuem grande relevância e que contribuem no processo de ensino e aprendizagem das séries iniciais do ensino fundamental, mas chamamos a atenção para um personagem desligado da origem do povo pelo qual se identifica, o povo Xetá, sendo assim interpretamos este personagem como uma figura de caráter institucional e não como uma figura de memória, ideia essa que na maioria das vezes fica aparente no senso comum.

Nas leituras que fizemos a cerca da obra “umuaraminha” foi possível identificar um personagem voltado para um discurso de caráter institucional, onde o mesmo flutua em questões que dizem respeito às ações governamentais dos diferentes momentos da administração pública umuaramense. Este discurso institucional fica evidente, por exemplo, no **Jornal do Umuaraminha – Ano de 2010**. Neste jornal ficam evidenciadas as ações voltadas a educação no município de Umuarama, a descrição de programas e projetos desenvolvidos bem como os resultados obtidos em decorrência do projeto educacional desenvolvido.

Salientando a figura institucional do “umuaraminha” recorreremos ao **Jornal Umuarama Ilustrado** que publicou em 01 de Maio de 2013 uma nota trazendo uma questão de saúde pública:

² O “hino do umuaraminha” foi criado no ano de 1991. A íntegra do hino segue anexo a este trabalho.

O combate à dengue ganha mais um aliado nos próximos dias, em Umuarama. Está em fase de elaboração um gibi de caráter educativo e preventivo com o personagem símbolo da cidade – o índio Umuaraminha . (UMUARAMA ILUSTRADO, 2013, p. 08).

A Construção de uma memória histórica e a valorização dos elementos que dão sentido de pertencimento a uma sociedade também passam pelos bancos da escola. Neste sentido esta seção discute como é trabalhada a figura indígena no âmbito escolar, especificamente em uma escola de ensino fundamental no município de Umuarama. É importante ainda, antes de partirmos para os apontamentos a cerca do trabalho propriamente desenvolvido em sala de aula, delimitar brevemente o ambiente utilizado neste momento da pesquisa.

A Escola³ Municipal Tempo Integral de Umuarama foi fundada no ano de 2001, atualmente atende cerca de 500 crianças com idade entre 04 e 10 anos de idade em tempo integral, com o currículo básico sendo aplicado no turno da manhã, até o quinto ano do ensino fundamental, e no período vespertino com o desenvolvimento de atividades diversificadas. Dentre as séries optamos na triagem do quarto ano, bem como fizemos a escolha da disciplina de História como norteadora da análise. Vale destacar que a escolha de outro estabelecimento de ensino não traria mudanças além do método de ensino dos professores, já que todos os estabelecimentos municipais seguem um mesmo documento norteador, formulado com a Secretaria Municipal de Educação, embasado nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Para a discussão chamamos uma análise feita por Lúcio Tadeu Mota e Isabel Cristina Rodrigues (1999) onde os autores discutem a etno história e a questão indígena nos livros didáticos. Segundo os autores até a década de 1970 se estabeleceu um discurso onde os indígenas eram apontados como indivíduos sem passado ou futuro e que fatalmente estes indivíduos passariam por um inevitável processo onde assimilariam a cultura que os envolvia, com uma essência capitalista (MOTA, RODRIGUES: P. 41, 1998). Igualmente, Mota e Rodrigues apontam para a questão metodológica na ocorrência de uma pesquisa, o que segundo os autores,

³ Endereço eletrônico d Escola Municipal Tempo Integral de Umuarama:
<http://esctempointegral.blogspot.com.br/>

deixava os historiadores dos anos de 1970 inseguros em um terreno que era povoado apenas pela tradição oral.

Todo este cenário vem se modificando nos últimos anos, graças à visibilidade nos âmbitos político, jurídico, social e cultural quem vem sendo dada às ações indígenas, seja no interior do Brasil, seja no cenário internacional. A medida que esta visibilidade crescia, também eram superados os paradigmas em relação ao estudo das sociedades sem escrita. Aqui a Etno História apresenta-se enquanto um recurso metodológico e analítico imprescindível, uma vez que, que incorporam em sua natureza os métodos da investigação histórica e a problemática do campo da Antropologia.

Por meio de uma análise em torno dos eventos que caracterizaram a formação dos países americanos pode-se observar que, seja no caso dos Estados Unidos, onde havia um falso sentido de território indígena, como aponta Mota e Rodrigues (1998, p. 43), ou ainda nos países latino-americanos como é o caso da Bolívia onde os indígenas são classificados como camponeses, fica evidente que o objetivo dos governantes sempre foi de exterminar estas populações, tendo em vista a superação de anseios e interesses políticos. No caso do Brasil fica evidente também a tentativa de apagamento das populações indígenas, ao passo que desde o início da colonização, seja pelo viés religioso, ou ainda no campo econômico, onde se compreendia que o nativo deveria ser civilizado e isto necessariamente passava pela conversão deste ao cristianismo ou ainda com o ideal de que seria por meio do trabalho, na concepção do colonizador, que este nativo passaria da condição de barbárie para civilizado. Seja como for, as inúmeras tentativas de apagar as populações indígenas não tiveram êxito, de modo que estas populações vêm se preservando em suas crenças, tradições e cultura. Nesta perspectiva nos propomos a apontar de que maneira o indígena é ilustrado na construção da história local.

Buscando compreender de que maneira a história vem sendo construída e transmitida no ambiente escolar supracitado, apontaremos os recursos utilizados e o direcionamento programático nos estudos envolvendo a disciplina de História do quarto ano, turma dirigida pela professora Vanusa Shirley Guiselim Borges⁴. A escolha desta série/ano ocorreu após uma sondagem feita junto ao corpo docente

⁴ A Professora é pedagoga de formação, atuando já a 11 anos no Ensino Fundamental – Séries iniciais e é responsável desde o início do ano letivo pela 4ª série B na Escola Municipal Tempo Integral em Umuarama.

do estabelecimento de ensino, onde foi possível constatar que nas séries iniciais as atividades voltadas à história local e especialmente à participação dos indígenas na construção desta, deu-se de maneira lúdica, onde tudo o que foi transmitido derivou de cantigas, pequenos contos e que de acordo com as professoras responsáveis pelas séries onde foi adotada esta metodologia, exatamente por se tratar de crianças ainda no estágio inicial de alfabetização e letramento, qualquer registro que possa requerer uma produção das mesmas assume um terreno complexo de ser ocupado.

Acompanhamos durante alguns dias⁵ a rotina pedagógica do quarto ano “B” de posse de alguns recursos de ordem didático-pedagógica dos quais pretendemos uma análise. O primeiro destes recursos é conhecido como: “Rotina Semanal” onde estão elencados os conteúdos que deverão ser trabalhados durante um período estabelecido, nas disciplinas do currículo básico da série em questão.

O documento parte do tema **Formação Populacional** e deste para subtemas como: os povos indígenas no Brasil, os povos indígenas no Paraná. Onde busca identificar e diferenciar os povos indígenas do Paraná e também reconhecer sua contribuição na formação do território paranaense.

Para o desenvolvimento da proposta sobre o tema alguns caminhos metodológicos foram adotados: perguntas como “Quem são os índios?” ou “Quem já viu um índio?” era lugar comum na introdução da aula; em seguida o que se apresentava aos alunos os povos que habitavam e que ainda habitam o território paranaense. Como subsídio teórico houve a opção por alguns textos⁶ que reforçam a defesa de que estas terras já estavam ocupadas quando da chegada dos colonizadores, contudo quando aponta para a relação entre indígena e colonizador ou como os textos chamam “europeus”, fica explícita a idéia de que o primeiro é agente passivo na construção do território paranaense, atribuindo assim, apenas o segundo a função de modificador do espaço.

As atividades⁷ desenvolvidas a partir dos temas trabalhados vão desde a identificação pelos alunos dos povos indígenas do Paraná, passando pela

⁵ Rotina Semanal: 24/Março a 28/Março de 2014.

⁶ Estes textos seguem anexados a este trabalho.

⁷ As atividades podem ser vistas anexas a este trabalho.

elaboração de pequenos textos onde cada aluno apresenta o que pôde assimilar à cerca do que lhe foi apresentado. Notou-se que em se tratando de identificação e reconhecimento quanto à figura do índio paranaense está ocorre de maneira bastante superficial e mais especificamente quando se trata da etnia Xetá não é possível identificar subsídios necessários, de posse dos professores que possibilitem aos mesmos contribuírem com a construção de uma consciência histórica a cerca do povo que é parte integradora na formação do espaço do noroeste paranaense. Ao passo que não eram todos os alunos que, quando questionados sabiam por exemplo, da existência de uma remanescente dos Xetá tão próxima deles.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Duas questões saltam quando tratamos com a etno história e em especial a temática da educação em torno da educação indígena e da cultura indígena no ambiente escolar. Em primeiro lugar, o discurso produzido historicamente de cunho tradicional e reproduzido nos materiais didáticos e paradidáticos que anunciam conceitos como: a superioridade intelectual e cultural ou então o esvaziamento demográfico em regiões tidas como inóspitas. Falácias que observamos quando manuseamos também a mídia (jornais, revistas, folders) e que povoam o imaginário de uma parcela significativa da sociedade quando esta se vê em discussões que apontam para a representação e o papel de diversos povos indígenas no processo de formação histórica, seja em macrorregiões brasileiras, ou então, como é o caso específico deste trabalho, na formação do território do município de Umuarama.

Em segundo lugar, deparamo-nos com a formatação de um imaginário típico quando pensamos na representação dos povos indígenas. Neste caso, muitas vezes a representação existente não leva em conta as particularidades de cada povo indígena, bem como suas características culturais, o lugar onde estão alocados e fixando suas relações sociais.

A questão aqui evidencia o estabelecimento de relações construídas no interior das estruturas vigentes nos diferentes momentos e espaços históricos, relações estas que apresentam-se na esteira das lentes do não indígena ou da população branca brasileira. Analisando o discurso podemos apontar para a construção de aspectos como: a) a inferioridade cultural/econômica e social; b) o silenciamento de questões tensionantes ocorridas no seio destes grupos; ou então é notório: a) o brilhantismo de alguns indivíduos, com papel de destaque em determinado seguimento.

Vale ainda, abrir espaço a uma reflexão, que reside no fato de que, embora o autor dos materiais que intitulam “umuaraminha” não tenha um objetivo principal com a discussão etno-histórica, torna-se louvável o protagonismo dado ao personagem que representa uma população indígena e que, participou de forma direta do processo de formação do território que corresponde ao município de Umuarama. E é aqui que nosso trabalho tem interesse de contribuir nas reflexões propostas anteriormente, outrossim, interessa-nos continuar nas futuras discussões

no ambiente escolar quando abordado for a temática da historiografia regional e especialmente das populações indígenas.

Vale novamente destacar o esforço de, por meio destes materiais, trabalhar na manutenção da representação da memória do povo Xetá e aqui apontamos brevemente que, para além destes materiais, existem outros importantes sinalizadores para a representação de uma população indígena em Umuarama, embora, por parcelas significativas da população local existe o interesse pelo apagamento desta memória, o município conta com logradouros públicos que fazem referência ao povo Xetá, de tal modo, nosso questionamento reside no campo da reflexão que, se pela promoção dos discursos tradicionais houve a anulação da presença das populações indígenas na região quando tratamos por exemplo de questões ligadas a terra, qual motivação existe para a criação e manutenção de lugares públicos que referenciam a um povo que não existe? Nesta perspectiva sem dúvidas o material institucional reproduzido e fornecido nas escolas municipais de ensino fundamental servem-nos de fonte importante para a formação da consciência histórica que indica para presença e atuação do povo Xetá no atual território do município de Umuarama.

ABSTRACT

The character "umuaraminha" was created in the year 1986 by the cartoonist Marcos Vaz and elevated to the symbol of Umuarama by means of the Organic Law of the municipality in the year of 1990. In this way, we have the objective to present some reflections on the representation that the mentioned material produces in relation to the daily character of the work. To reflect on the material were used some copies of the material distributed in the current year, in addition to seeking from the creator of the said production the motivations when creating and elaborating some proposed thematic axes for this survey we make some considerations from the point of view of the historiography around the representation of the indigenous. Without claiming to question artistic production, the reason for this discussion lies in the field of history teaching and indigenous education in the municipal public schools of Umuarama, Paraná, and in this work we will present concepts and representations of indigenous culture in the school imaginary with a view to interpretation point of view of regional history, since the character presents himself as an indigenous who interacts in some daily follow-up.

Keywords: Education. Literature. Umuarama.

REFERÊNCIAS

COSTA, S. G. **Os sobreviventes da idade da pedra**. Revista Panorama, Curitiba, ano 7, n. 110, p. 20-26, 1961.

FERNANDES, J. L. **Aspectos antropológicos da Serra dos Dourados**. Gazeta do Povo, Curitiba, p. 10, 15 nov. 1955.

_____. **Relatório de atividades da seção de antropologia e arqueologia (1953-1957)**. Curitiba: Inst. de Pesquisas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFPR, 1957.

_____. **Os índios da Serra dos Dourados (Os Xetá)**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 3., 1959, Recife. Anais... Recife, 1959a. p. 27-46.

_____. **The Xetá a dying people in Brazil**. *Bulletin of International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research*, Viena, v. 2, p. 22-26, 1959b.

_____. **Les Xeta et le palmiers de la foret des Dourados: contribution a l'ethnobotanique du Paraná**. Paris. Actes du VI Congress international de sciences anthropologiques et ethnologiques, v. 2, n. 2, p. 39-43, 1960.

_____. **Contribuição ao estudo dos índios da Serra dos Dourados 1958-1961**. Belo Horizonte: 5a Reunião da ABA, 1961a.

_____. **Le peuplement du nord-ouest du Parana et les indiens de la Serra dos Dourados**. Boletim Paranaense de Geografia, Curitiba, n. 2-3, p. 79-91, 1961b.

_____. **Os índios da Serra dos Dourados: os Chetá**. Almanaque Popular Teuto-Brasileiro, Florianópolis, n. 17, p. 193-202, 1961c.

_____. **Os índios da Serra dos Dourados: estado atual das pesquisas**. Bulletin of international Committee on urgent anthropological and ethnological research, Viena, v. 5, p. 151-154, 1962.

FERRARINI, S.; CUNHA FILHO, C. P. **Índios visitam o Circulo de Estudos Bandeirantes**. Revista do Circulo de Estudos Bandeirantes, Curitiba, v. 9, p. 87-97, jul. 1995.

FRIC, A. V. **Völkerwanderungen, ethnographie und geschichte des conquista in sudbrasilien**. Viena: Verhandlungen des XVI Amerikanisten Kongresses, 1910.

GAGLIARDI, José Mauro. **O indígena e a república**. São Paulo: Hucitec, 1989.

GRISOLLI, P. A. **Índios paranaenses da idade da pedra**. O Globo, Rio de Janeiro, 19 jan.- 22 jan. 1959.

GUÉRIOS, R. F. M. **A posição linguística do Xetá**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 4., 1959, Curitiba, Anais... Curitiba, 1959. p. 93-114.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HARACENKO, A. A. de S. **O processo de transformação no território no noroeste do Paraná e a construção das novas territorialidades camponesas**. 2007. 697f. Tese (Dotourado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geografia- Programa de Pós Graduação em Geografia Humana- USP □ Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo-SP, 2007.

HELM, C. M. V. **Os Xetá: a trajetória de um grupo Tupi-Guarani em extinção no Paraná**. Anuario Antropológico Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92, p. 105-111, 1994.

_____. **Los Xeta: la trayectoria de un grupo Tupí-Guaraní**. Quito. In: BARTOLOMÉ, M. A. (Ed.). *Ya no hay lugar para cazadores. Proceso de extinción y transfiguración étnica em América Latina*. Quito: Abya-Yala, 1995. p. 109-122.

HOBBSAWM, Eric. **A história de baixo para cima**. In: *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 216-231.

IBGE/BIBLIOTECA disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/> acesso em dezembro de 2010.

IBGE/BIBLIOTECA disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/> acessado em julho de 2013.

IHERING, H. V. **Archeologia comparativa do Brazil**. Revista Museu Paulista, São Paulo, n. 6, p. 519-583, 1904.

KOZAK, V. **Stone age revisited**. *Natural History Magazine*, Nova York, n. 81, p. 14-24, oct, 1972.

KOZAK, V.; BAXTER, D.; WILLIANSON, L.; CARNEIRO, R. L. **The Heta indians: fish in a dry pond**. *Anthropological papers of the American Museum Natural History*, New York, v. 55, n. 6, p. 349-434, 1979.

KOZAK, V.; BAXTER, D.; WILLIANSON, L.; CARNEIRO, R. L. **Os índios Héta: peixe em lagoa seca**. BIHGEP, Curitiba, v. 38, p. 9-120, 1981.

MOTA, L.T. **História do Paraná: ocupação e relações interculturais**. Maringá: EDUEM, 2005.

MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva. **Exploração e guerra de conquista dos territórios indígenas nos vales dos rios Tibagi, Ivaí e Piquiri**. IN: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. (Org.) *Maringá e o Norte do Paraná*. Maringá: EDUEM, 1999. p. 21-50.

NOVAK, Éder da Silva. Tekoha e Emã: **a luta das populações indígenas por seus territórios e a política indigenista no Paraná da Primeira República – 1889 a 1930**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História – UEM. Maringá, 2006.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. Editora Hucitec: São Paulo, 1981.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1997.

PARANÁ. **Departamento de Terras e Colonização. Exploração da região noroeste do Estado do Paraná entre os rios Ivai, Paraná e Paranapanema e Tibagy**. Curitiba, 1933.

UMUARAMINHA – Símbolo Oficial de Umuarama (2014) disponível em: <http://www.umuaraminha.com.br> acesso em fevereiro de 2014.

AGRADECIMENTOS

**“Luto para sobreviver com os olhos voltados para o céu, espinhos me fazem sofrer, persisto na luta com a graça de quem já venceu.
(OFICINA G3)**

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, Leonice e Edson pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida. Sou imensamente grato a minha esposa e companheira de leituras (Raud), obrigado amor por, em todo tempo não medir esforço e tempo para ser meus olhos nas leituras nesta e em outras situações de minha vida profissional e acadêmica. Ao nosso filho Luiz que mesmo sem entender muito bem o porque de tanto estudar aceitou os não de quando pedia para jogar um futebol no play Station ou mesmo para chutar uma bola

A minha orientadora professora Dra. Ivone Teresinha Carletto de Lima pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Agradeço também nossa tutora presencial Professora Me. Elisangela Reis por sua dedicação e apoio constante na caminhada do curso. Ainda quero lembrar da Coordenadora de Polo Simone Maria Martins que sempre mostrou-se presente e disposta em promover o bem-estar de todos os acadêmicos deste curso e em especial por ter em muito contribuído em minha decisão de cursar esta especialização. Também não poderia deixar de lembrar e agradecer as minhas amigas Mayara e Andréia, funcionárias lotadas no Polo de Umuarama e que a todo tempo utilizaram de suas competências para auxiliar no desenvolvimento dos

trabalhos do curso e em especial, não exitaram no cuidado com os materiais que me eram necessários para o melhor aproveitamento e desempenho no mesmo.

Ao estimado cartunista Marcos Vaz, idealizador da revista “umuarminha”, que desde o princípio proporcionou-me livre acesso às suas obras, fontes fundamentais para este trabalho.

Ao meu grande amigo e colega de outra caminhada acadêmica, Cristiano, que por algumas vezes dividiu comigo momentos de avaliação e discussão nos seminários ... valeu Cris.